



Revista Brasileira de Enfermagem

ISSN: 0034-7167

reben@abennacional.org.br

Associação Brasileira de Enfermagem

Brasil

Cristina Teixeira, Renata; Teixeira Mandú, Edir Nei; de Paula Corrêa, Áurea Christina; Silva Marcon, Sonia

Vivências e necessidades de saúde de homens no período pós-nascimento de um filho

Revista Brasileira de Enfermagem, vol. 67, núm. 5, septiembre-octubre, 2014, pp. 780-787

Associação Brasileira de Enfermagem

Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267032830016>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Vivências e necessidades de saúde de homens no período pós-nascimento de um filho

Experiences and health needs of men in the period post-birth of a child

Experiencias y necesidades de salud de los hombres en el período post-nacimiento de un hijo

**Renata Cristina Teixeira¹, Edir Nei Teixeira Mandú¹,
Áurea Christina de Paula Corrêa¹, Sonia Silva Marcon^{1,2}**

¹Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Enfermagem,
Programa de Pós-graduação em Enfermagem. Cuiabá-MT, Brasil.

²Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde. Maringá-PR, Brasil.

Submissão: 20-01-2013 Aprovação: 14-08-2014

RESUMO

Esta pesquisa aborda percepções de homens sobre suas experiências e necessidades de saúde no pós-nascimento. Objetiva-se distinguir analiticamente, a partir de uma perspectiva de gênero, necessidades de saúde relativas ao evento, experimentadas, expressas e/ou negadas pelos homens. Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, qualitativo, realizado em dois territórios de saúde de Cuiabá, Mato Grosso, mediante entrevista semiestruturada e análise temática dos dados. Participaram oito homens que vivenciavam o pós-nascimento de um filho. Estes manifestaram, sobretudo, a necessidade de provimento de segurança financeira à família, destacando também a necessidade de bem estar do filho, acessando o retorno afetivo que a experiência traz. Não se reconheciam com necessidades de saúde no pós-nascimento. O apoio dos serviços locais de saúde é importante para que os homens se percebam na vivência da paternidade e a sua relação com aspectos socioculturais, para que distingam necessidades próprias, valorizem o cuidado de si e adotem uma perspectiva equânime de gênero.

Descriptores: Saúde do Homem; Necessidades e Demandas de Serviços de Saúde; Período Pós-Parto; Paternidade; Saúde da Família.

ABSTRACT

This research addresses men's perceptions about their experiences and health needs in the post-birth period. The goal is to distinguish analytically and from a gender perspective the health needs related to the event, experienced, expressed and/or denied by men. This is an exploratory, descriptive and qualitative study carried out in two municipal health areas of Cuiabá, state of Mato Grosso, using a semi structured interview and thematic analysis of the data. The participants were eight men who were experiencing the post-birth period of a child. Above all, they expressed the need to provide financial security to the family, emphasizing also the need of their children's well-being, with the affective return that this experience brings. They did not perceive themselves with health needs during the post-birth period. The support provided by local health services is important so that men can understand the experience of parenthood and its relationship with social and cultural aspects in order to distinguish their own needs, appreciate self-care, and adopt a gender equity perspective.

Key words: Men's Health; Needs and Demands of Health Services; Post-Partum Period; Fatherhood; Family Health.

RESUMEN

Esta investigación aborda las percepciones de hombres acerca de sus experiencias y necesidades de salud en el período postparto. El objetivo es distinguir analíticamente, desde una perspectiva de género, las necesidades de salud relacionadas al evento, experimentadas, expresadas y/o negadas por los hombres. Se trata de un estudio exploratorio, descriptivo y cualitativo llevado a cabo en dos áreas municipales de salud de Cuiabá, Estado de Mato Grosso, mediante entrevista semiestructurada y análisis temático de los datos. Participaron ocho hombres que experimentaban el período postparto de un hijo. Ellos expresaron, sobre todo, la necesidad de proveer seguridad económica a la familia, destacando también la necesidad del bienestar de los hijos, con el retorno afectivo que esa experiencia proporciona. No se reconocían con necesidades de salud en el período postparto. El apoyo de los servicios locales de salud es importante para que los hombres entiendan la experiencia de la paternidad y su relación con aspectos socioculturales, para que distingan las necesidades, valoren el cuidado de sí mismos y adopten una perspectiva de equidad de género.

Palabras clave: Salud de los Hombres; Necesidades y Demandas de Servicios de Salud, Periodo Postparto, Paternidad, Salud de la Familia.

AUTOR CORRESPONDENTE

Renata Cristina Teixeira

E-mail: renata_teixeira22@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O período pós-nascimento é uma fase especial na vida tanto de mulheres como de homens. Estes últimos, geralmente, vivem novas e complexas experiências físico-emocionais, mentais e socioculturais, decorrentes da paternidade, assim como de possíveis mudanças que podem ocorrer no interior do seu núcleo familiar.

Estudiosos têm se reportado à complexidade e importância do período pós-nascimento na vida do homem, buscando compreender particularmente a paternidade em seu exercício e significados⁽¹⁻⁶⁾. Esta experiência, como exercício das masculinidades, é considerada uma nova problemática na área de saúde, cuja atenção a ela contribui à renovação das práticas direcionadas tanto a homens como a mulheres⁽⁷⁾.

A experiência de ser pai gera, ao longo do tempo, transformações, tais como novas perspectivas sobre a vida, a experiência de novos sentimentos e o surgimento de novas responsabilidades e tarefas. Especificamente no período pós-nascimento, essa condição comumente é vivida de forma intensa e peculiar, dada a instalação de novas demandas e aprendizados⁽⁴⁻⁵⁾. A família vive um novo estágio no seu desenvolvimento, com alterações não só em sua estrutura, mas, também, em sua dinâmica, das quais podem decorrer dificuldades para os seus membros⁽⁸⁾. De tais experiências decorrem necessidades de vida e saúde peculiares, a serem conhecidas e compreendidas, tendo em vista a adequada atuação dos serviços de saúde.

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem⁽⁹⁾ destaca o direito do mesmo de participar de todo o processo reprodutivo, desde a decisão de ter ou não filhos, de que modo e quando, ao acompanhamento da gravidez, do parto, pós-parto e da educação dos filhos. Nesse sentido, prevê a realização de ações de apoio ao planejamento reprodutivo e à paternidade responsável, à prevenção de agravos e enfermidades com repercussões na reprodução, e à educação na perspectiva de gênero e para o cuidado da própria saúde.

Contudo, os homens, via de regra, são relegados como sujeitos de atenção por serviços de saúde, o que também é uma verdade em relação à experiência da paternidade⁽⁶⁾, desconsiderando-se a abrangência e singularidade das suas experiências e de suas necessidades de saúde em geral e das decorrentes do nascimento de um filho. A área da saúde comumente reforça a responsabilidade feminina e afasta o homem do processo, comprometendo-se, sobretudo, com os papéis tradicionais de gênero^(6,10).

As necessidades de saúde constituem carecimentos a serem satisfeitos, potenciais a serem desenvolvidos ou meios requeridos para satisfazê-las⁽¹¹⁾. Elas se referem, basicamente, ao que as pessoas precisam e abrangem aspectos tanto objetivos quanto subjetivos importantes ao desenvolvimento saudável da vida. Mesmo quando expressas individualmente, ligadas à história de vida e à subjetividade de cada sujeito, as necessidades de saúde são de natureza sócio-histórica e instituídas dinamicamente na vida em sociedade⁽¹²⁾.

No pós-nascimento, as necessidades de saúde de homens compreendem, em especial, o que estes precisam para a preservação e promoção da sua saúde e que tem relação com a

experiência reprodutiva. Elas dizem respeito a inter-relacionados aspectos biológicos, intersubjetivos e socioculturais. O modo como os homens vivem o período pós-nascimento e expressam suas necessidades e cuidados de saúde nessa fase é parte de suas experiências de vida, interações cotidianas, saberes e valores, construídos socialmente.

Tradicionalmente, nos serviços de saúde, a tradução das necessidades e a ação sobre elas ocorrem pela linguagem das doenças e medicalização dos carecimentos, que tanto obscurecem a sua socialidade quanto dificultam ou impedem o reconhecimento e a expressão de outras que não se enquadram na perspectiva biomédica. Essa redução atinge as qualificações sociais dos carecimentos e, dentre outros aspectos, gera invisibilidade às suas relações com as desigualdades de gênero e o exercício das masculinidades⁽¹³⁾. Do que resulta também desconsideração às experiências masculinas e aos seus significados. Isto é, tanto as desigualdades de gênero como as relações entre o exercício das masculinidades e a saúde são dimensões ausentes dos serviços de saúde; inclusive das demandas valorizadas e apresentadas aos serviços, influenciadas pela medicalização⁽¹³⁾.

Assim, nesta pesquisa, experiências e significados atribuídos por homens ao pós-nascimento são evidenciados e analisados, dando-se ênfase particularmente à sua relação com aspectos socioculturais de gênero e masculinidades, buscando apreender e compreender a expressão particular das suas necessidades de saúde.

Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas em diferenças percebidas entre os sexos e transformadas em saberes e práticas imbricados a relações de poder⁽¹⁴⁾, que resultam em diferenças, estereótipos e situações de desigualdade entre sujeitos, seja do mesmo sexo ou de sexos diferentes⁽¹⁵⁾, com o domínio histórico do masculino. Esses aspectos são tidos como naturais, e influem sobremaneira o modo de viver, adoecer e morrer de mulheres e homens, nas suas necessidades e práticas de cuidados à saúde e nos sentidos que estas adquirem para cada um, bem como no reconhecimento dos serviços de saúde das necessidades.

No caso do homem, gênero corresponde ao conjunto de dispositivos culturais que marcam os corpos como masculinos não apenas em sua anátomo-fisiologia, mas na constituição das identidades e na sua circulação social, articulada também à classe social, etnia, sexualidade⁽¹⁶⁾, dentre outros referentes. Assim, aproximar-se dessa perspectiva contribui para pensar os homens como sujeitos com necessidades concretas e peculiares^(7,13).

À luz dessa perspectiva teórico-metodológica, intencionava-se distinguir analiticamente necessidades de vida e saúde de homens, relativas ao período pós-nascimento, apreendidas de seus discursos.

METODOLOGIA

O trabalho é parte de um estudo que analisa e correlaciona o modo como mulheres, homens e trabalhadores de saúde interpretam a vivência do pós-parto, necessidades de saúde decorrentes, e cuidados relacionados⁽¹⁷⁾. Os elementos do objeto de investigação foram analisados a partir da perspectiva de gênero.

Trata-se, pois, de estudo exploratório-descritivo, baseado em método interpretativo qualitativo, realizado em 02 territórios de Saúde da Família (SF) de Cuiabá-MT (nomeados de T1 e T2). Estes foram eleitos a partir de uma classificação prévia das Unidades de SF do município, que analisou o cumprimento de requisitos da política nacional de saúde, relativos à infraestrutura, pessoal, gestão e assistência pós-parto⁽¹⁸⁾. Selecionou-se 01 unidade dentre as cinco com maior classificação (T1) e 01 dentre as cinco com menor classificação (T2), considerando como critérios adicionais o acesso do pesquisador a unidades com equipe completa, com o mínimo de cinco mulheres em pós-parto.

Participaram 08 homens (4 do T1 e 4 do T2), dentre os 10 que, por ocasião da coleta de dados, residiam com suas respectivas mulheres em pós-parto (entre 45 e 105 dias), visto que dois não aceitaram integrar o estudo. Os participantes foram codificados com a letra H, seguida de um número identificador (de 1 a 8).

A coleta de dados ocorreu entre outubro e novembro de 2011, por entrevista semiestruturada, auxiliada por um roteiro testado com questões fechadas, para caracterização dos participantes, e questões abertas, que abordaram: a vida pessoal e familiar do homem no pós-nascimento; necessidades de vida e saúde interpretadas; cuidados de saúde realizados e valorizados. Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo do tipo temática, por meio dos passos: 1) identificação dos núcleos temáticos (em resposta às perguntas: quais mudanças se processam na vida de homens no pós-nascimento? Quais necessidades de saúde expressam-se em seus modos de viver essa fase?) e 2) classificação, interpretação e categorização dos resultados⁽¹⁹⁾.

A pesquisa foi aprovada com o parecer 011/CEP-HU-JM/2011, do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Júlio Muller, e respeitou todas as exigências nacionais vigentes para pesquisa com seres humanos. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os homens do estudo apresentaram várias necessidades com o nascimento de seu filho, de ordem sociocultural, afetiva, relacional e orgânica. Dentre elas, deram maior ênfase a necessidades que se conectam ao que, em bases culturais, tomam como a sua natural responsabilidade na divisão de papéis sociais entre homens e mulheres – o cuidado financeiro da família. Mas, para além dessa necessidade, expressaram e valorizaram a obtenção de afeto que a experiência possibilita, preocupando-se também com prover o bem estar da companheira e o desenvolvimento e a saúde do filho, aspecto esse que distingue o seu papel de cuidador na paternidade.

Necessidade de promover segurança ao filho e de com ele interagir afetivamente

Corresponder a um ideal de paternidade que possuam expressou-se como uma importante necessidade sociocultural dos homens do estudo, satisfeita com o nascimento do filho. Esta se manifestou a partir da referência a mudanças consideradas positivas, em sua autopercção, sentimentos, desenvolvimento pessoal, interação familiar e modos de se por na vida.

A experiência da paternidade foi apontada como satisfatória, pela percepção de que ela gerou crescimento pessoal e pelos sentimentos de autorrealização e de felicidade vivenciados com a consecução do projeto idealizado: ser pai.

[...] É uma experiência tão grande que eu tô passando de ser pai. Você chegar do trabalho cansado olhar sua filha rindo pra você, é uma alegria, você pode estar com alguma dor, alguma coisa, se você olhar aquele rostinho bonito, sorrindo, é uma alegria enorme, olhar e poder falar essa é a minha filha. Com ela eu me sinto um homem de verdade, com responsabilidade. (H.5, T2- 22 anos, ensino fundamental incompleto, união estável, empregado, 01 filho, moradia alugada)

Ter filho e poder exercer a paternidade foi considerado um ganho pessoal, vivido com alegria; expressando-se como uma necessidade satisfeita, articulada a necessidades psicoafetivas – de amadurecimento pessoal e da vida em família, e de interação prazerosa com o filho e maior compartilhamento com a companheira.

Pesquisa feita em João Pessoa-PB, sobre a emergência do sentimento de paternidade, constatou a positividade desta experiência para homens de classe socioeconômica baixa, especialmente associada à expectativa social de revelar a virilidade masculina como cumprimento de uma função social, a de reprodução da espécie, e também ao estabelecimento do vínculo afetivo entre pai-filho⁽³⁾.

O ganho foi aquilatado, entre os homens, pelo aumento de responsabilidade para com a própria vida e/ou vida familiar, e/ou pelo amadurecimento pessoal percebido, e/ou via relação afetiva satisfatória com o filho.

É uma experiência tão grande que eu to passando: de ser pai. Você chegar do trabalho cansado, olhar sua filha rindo pra você, é uma alegria. Você pode estar com alguma dor, alguma coisa, se você olhar aquele rostinho bonito, sorrindo, é uma alegria enorme [...]. Com ela, eu me sinto homem de verdade, com responsabilidade. Porque de primeiro eu não queria saber da vida, só queria curtição. Hoje não, tenho minha filha e esposa que precisam de mim. (H.5, T2- 22 anos, ensino fundamental incompleto, união estável, empregado, 01 filho, moradia alugada)

No Rio Grande do Sul, estudo que objetivou entender como homens na primeira experiência da paternidade, de classe socioeconômica baixa percebem a volta para casa com o bebê e as implicações disto na vida familiar, aponta que o nascimento de um filho promove modificações de suas crenças e valores, possibilidades pela avaliação de si mesmos e das responsabilidades e prioridades que envolvem a passagem para a paternidade⁽⁵⁾.

O contentamento de ser pai também foi relacionado a ganhos no relacionamento com a companheira e, ainda, no lidar com questões relacionais da vida pessoal e familiar.

Agora a gente está mais feliz, antes a gente brigava muito, todo dia discutia, agora não, agora a gente está light. Agora é só o bebê. É Deus e nós três. A gente está mais junto

ainda, mais próximo um do outro, tudo a gente senta junto e conversa pra ver o melhor jeito de fazer as coisas. (H.4, T1 - 22 anos, ensino médio completo, união estável, empregado, 01 filho, moradia alugada)

Destaca-se assim que, com a paternidade, dentre as prioridades que passam a fazer parte da vida do homem também está a necessidade de estabelecer uma relação contínua e calorosa tanto com o filho como com a companheira⁽⁶⁾, isto é, expressa-se a necessidade que possui de criação de vínculos afetivos.

O exercício da paternidade é um direito de homens, que requer protagonismo. Ao ser assumida com responsabilidade por estes, ela pode contribuir para o desenvolvimento das emoções paternas, maior satisfação e compartilhamento na vida familiar, redefinição da vida em sociedade, dentre outras⁽⁶⁾.

A paternidade possibilitou que homens se percebessem diferentes, ao tempo que se viram assumindo novos posicionamentos em relação à vida pessoal e familiar. No processo, experimentaram novos sentimentos, novas interações familiares e se viram efetivando papéis e projetos idealizados que responderem a necessidades socioculturais e afetivas que tinham. Mais que isso, a paternidade, para além de lhes produzir carências ou de responder a elas, lhes supriu necessidades de amadurecimento pessoal e das relações familiares, isto é, correspondeu à satisfação de necessidades afeitas à esfera do desenvolvimento de potenciais disponíveis.

Ao exercer a paternidade, os homens também enfrentam muitas preocupações. Ter um filho representa o surgimento de outros encargos e tarefas⁽²⁰⁾. Nesse sentido, sabe-se que o homem contemporâneo muitas vezes enfrenta ambiguidades relacionadas à necessidade que ele sente de exercer a paternidade, de sentir-se realizado e bem com os ganhos desta experiência e, também, ter que se defrontar com a necessidade de suprir as novas demandas financeiras da família decorrentes da ampliação dos seus membros.

Assim é que os homens do estudo manifestaram sentimentos de preocupação, sobretudo com a obtenção de condições de vida vistas como necessárias e desejadas para o filho, no presente e futuro.

Ser pai é ... (silêncio). Eu nem sei o que falar, eu to muito feliz. Quero estar junto com ele, com a mãe dele, pra gente cuidar dele. Eu acho que tem que batalhar muito, pra dar um futuro, um presente. Tudo pra criança. O importante hoje é a educação pra criança. Eu quero ser um bom pai, passar coisa boa para o meu filho. Eu me preocupo com isso, eu perco até o sono, nem durmo pensando como vai ser daqui pra frente. (H.3, T1 - 29 anos, ensino médio completo, casado, empregado, 01 filho, moradia conjugada com a família de origem da companheira)

Entre todos os participantes, as novas responsabilidades se associaram a inquietações com a garantia de boas condições de vida para o filho, necessidade essa que incluiu, além de estar junto e educar, arcar com os gastos e propiciar segurança financeira familiar, presente e futura. Ou seja, a necessidade de assegurar condições financeiras para as novas demandas

familiares advindas do nascimento manifestou-se como uma das mais significativas.

Entre os homens, a preocupação atrelou-se, basicamente, ao que entendem ser primariamente sua responsabilidade: prover condições financeiras à família. Isto é, tomaram para si o suprimento dessa necessidade:

O que eu trabalhava durante o dia tem que dobrar. Trabalhar a noite. É despesa a mais. A gente não deixa de preocurar, eu tenho que me esforçar porque tenho meus filhos e minha esposa pra sustentar em casa [...]. (H.8, T2 - 28 anos, ensino médio completo, união estável, empregado, moradia própria)

Em consonância com este achado, estudo realizado com participantes de uma atividade educativa sobre planejamento familiar, em Fortaleza - Ceará, aponta que, os aspectos financeiros constituem preocupação masculina constante, presente desde o momento da decisão de ter filhos⁽²¹⁾. Outra pesquisa, também com homens, destaca que embora a percepção do ser pai seja envolvida por representações individuais, influenciadas pelas vivências com gerações passadas, a responsabilidade financeira constitui uma marca de gênero, comum entre aqueles que se veem na condição de pai⁽²²⁾. Além disso, manter boas condições financeiras faz parte da autonomia das pessoas no seu modo de levar a vida⁽²³⁾ e, portanto, reflete uma importante necessidade.

Frente às dificuldades financeiras enfrentadas e à perspectiva de sua ampliação com as novas demandas decorrentes da presença de mais um membro na família, trabalhar mais foi considerado, por homens, imprescindível ao custeio de mais despesas no pós-nascimento. Assim, o filho passou a ser incentivo e também a causa da busca por maiores ganhos. Forte preocupação financeira e autorresponsabilização com o sustento da família, inclusive, provocaram mudanças também na relação de homens com o trabalho remunerado, manifestando-se a necessidade tanto da permanência no emprego, como do compromisso, da dedicação e do esforço pessoal no trabalho, associados à possibilidade de melhores ganhos, indicando um novo posicionamento e inserção na esfera do trabalho público:

Agora eu tenho mais responsabilidade no serviço, que antes eu não tinha. Antes eu ia embora, eu não tava nem ai no serviço. Hoje não! Me chamou pra trabalhar à noite, eu vou. Chamou pra viajar, eu estou indo, porque eu sei que ganha mais. Estou me esforçando mais por causa deles porque tem que sempre sobrar, não pode faltar. Com os bebês eu posso dizer que senti mais mudança foi no meu trabalho. (H.1, T1 - 34 anos; ensino médio completo; empregado; união estável; 02 filhos, moradia conjugada com a família da companheira)

O pai-provedor mostra-se figura emblemática na significação da paternidade entre homens⁽²⁾, da qual decorrem preocupações tais como as encontradas, com os ganhos e com a inserção no mundo do trabalho remunerado, frente à valorização da necessidade financeira da família, cuja satisfação é tomada como primariamente responsabilidade masculina. Isto também foi identificado em estudo com pais adolescentes de classes populares de

Porto Alegre (Rio Grande do Sul), acerca da concepção de paternidade e estratégias nela adotadas, o qual destacou que uma das consequências de ser pai é, impreterivelmente, a de exercer trabalho remunerado, em correspondência ao significado social do pai provedor⁽²⁴⁾. Mesmo quando adultos, os homens ainda percebem a maternidade e a paternidade dentro dos padrões tradicionais, relacionando-as, respectivamente, a procriar e cuidar dos filhos e a prover demandas financeiras da família⁽²⁰⁾.

Assim é que, ao tomarem para si o que entendiam como “suas responsabilidades”, homens do estudo cobraram de suas companheiras um “adequado desempenho” do que julgavam “ser a sua parte” – o apropriado cuidado da casa e dos filhos, reafirmando papéis sexuais tradicionais, num reforço a valores construídos com base em desigualdades de gênero.

Eu sempre falo pra ela (a mulher) pra cuidar mais das coisas da nossa filha, porque as coisas de aluguel, alimentação, eu faço [...]. Eu falo pra ela preocupar mais é com minha filha. Eu trabalho com meu pensamento em casa, em minha filha. [...] Agora ela é um incentivo a mais para eu fazer o meu serviço. (H.5, T2- 22 anos, ensino fundamental incompleto, união estável, empregado, 01 filho, moradia alugada).

Culturalmente, a paternidade lhes confere a responsabilidade por suprir necessidades materiais do filho e da família, representadas principalmente pela garantia de subsistência e proteção financeira. Do mesmo modo, lhes confia um papel central no comando familiar, com o poder primeiro de decidir sobre o seu andamento⁽³⁾.

Assim, a histórica divisão cultural de tarefas entre homens e mulheres é considerada justa por homens, e também o exercício de seu “direito” de controlar o cumprimento das “responsabilidades” da mulher, via críticas e exigências. A mulher atender ao seu comando e dar conta da parte que lhe cabe se constituiu, assim, em uma necessidade familiar e própria para o homem.

As compreensões acerca do que tange ao homem e à mulher no processo reprodutivo faz parte da socialização masculina e feminina, na qual a divisão dos papéis sexuais e a atribuição de responsabilidades para cada sexo vão se definindo desde a infância, ao longo da vida familiar e social⁽³⁾.

O reconhecimento de como o homem vivencia necessidades financeiras e a reafirmação de dicotomias nos papéis sociais de homens e mulheres, arraigadas em modelos culturais históricos de paternidade e maternidade, remetem à apreensão de duas importantes e relacionadas necessidades a serem consideradas socialmente, pelos serviços de saúde e pelos próprios homens: a necessidade de reconhecimento da natureza sociocultural das experiências com a paternidade e de promoção da equidade nas relações de gênero.

Por decorrência, os serviços de saúde têm o desafio de considerar a necessidade do homem de se ver e entender em meio ao exercício da paternidade, considerando as suas próprias necessidades e a dos demais envolvidos, situando-as em um sistema de significação sociocultural.

O movimento no qual o homem contemporâneo reflete, reinventa e reconstrói sua subjetividade de pai vem abrindo caminhos à construção de uma nova concepção e forma de

vivenciar este papel, com destaque para a importância de considerar que essa experiência também é construída frente à capacidade daquele de perceber e de reconhecer as suas necessidades afetivas⁽²⁾ e socioculturais.

É importante que este homem reconheça a necessidade da igualdade nas relações de gênero no que tange aos direitos e deveres na vivência familiar, para que a experiência afetiva da paternidade e a experiência conjugal possam ser vividas de forma saudável.

A dificuldade do homem de viver o pós-nascimento como uma experiência compartilhada com a mulher relaciona-se fortemente à reprodução ideológica dos papéis sociais de gênero, que o distanciam de uma participação mais ativa no processo reprodutivo. Assim, para que os homens experiem a paternidade de modo mais equânime é preciso que eles e as mulheres repensem seus atributos sociais em meio à complexidade dessa vivência⁽³⁾.

No estudo, identifica-se que, apesar da prioridade dada por homens a necessidades financeiras, eles também manifestaram a vivência de um dilema frente ao papel tradicional de sustento da família, entendendo que este lhes dificultava suprir a necessidade de estarem próximos de seus filhos.

Eu tinha que ter mais tempo, só que eu não tenho, por causa do trabalho. Eu saio seis horas da manhã. Tem horas que eu chego dez, onze da noite. Ela já está dormindo. Ai, eu não tenho tempo pra ficar com ela. Eu queria ter esse tempo [...]. (H.6, T2 - 27 anos, ensino médio completo, casado, empregado, 01 filho, moradia própria)

Encontrou-se forte preocupação e responsabilização com o sustento financeiro do(s) filho(s) e da família, mas que se estendeu também ao contato cotidiano com a criança, frente à necessidade de também participar do seu cuidado diário e de sua educação.

A responsabilidade financeira constitui pressão social sobre o homem, que, quando não cumprida, põe em xeque a sua masculinidade. Embora essa representação da paternidade traga consigo a referência do pai que ampara o filho, ela é vivida pelo homem de modo paradoxal, pois o afasta da dimensão afetiva pai-filho⁽²⁵⁾.

A paternidade intensificou a relação de homens com o trabalho na esfera pública, reafirmando papéis construídos do masculino e feminino, mas também instigou a ocupação de um novo lugar na esfera das relações familiares, como cuidador do filho e da casa, estimulada pela ampliação das demandas e suas implicações para a companheira e, ainda, pelos significados afetivos da paternidade.

Eu acordo com ela. Aí vou trabalhar. Na hora do almoço, quando ela não está dormindo, eu pego ela, brinco, almoço e fico com ela no colo até eu sair. Depois que eu chego (à noite) é a mesma coisa: eu pego ela, brinco, ai ela dorme ou a gente fica até tarde. Eu fico cuidando dela, ajudo a cuidar dela [...]. É bom. Se for preciso dou banho. No sábado e domingo eu ajudo na casa também. Eu deixo ela (a mulher) só cuidando do neném, pra ela descansar.

Se fosse por mim, eu queria ficar o tempo inteiro em casa pra ajudar a cuidar do neném. (H.2, T1 - 36 anos, ensino fundamental incompleto, união estável, empregado, 01 filho, moradia cedida pela família de origem).

Encontrou-se, assim, certa mudança na inserção de homens na família, relacionada à interação com o filho, a parceira e o ambiente familiar. Isso não significa, entretanto, que eles assumiram em condições de igualdade as ações de cuidado do filho e da casa. Essa participação no ambiente familiar ocorreu dentro de certos limites, sendo compreendida e efetivada como ajuda à mulher, e não como responsabilidade primeira do homem frente à nova situação.

É evidente o papel insubstituível que o homem atribuiu à mulher no cuidado da criança e casa, também favorecido pelo fato de as mulheres não exercerem atividades laborativas fora do domicílio. Embora tenham revelado uma participação mais ativa no exercício da paternidade e no cuidado da casa, ainda se manifesta o diferencial de gênero como constituinte de suas referências sobre esses eventos.

O cuidar, no sentido de “olhar”, apareceu como principal atividade que desempenhavam, enquanto os demais cuidados diáriros do filho ficavam sob a incumbência da mulher. Sua participação configurou-se como auxílio, desempenhada quando a mulher não pode assumir o cuidado da criança:

Quando estou em casa, mais no final de semana, eu ajudo a olhar o neném, pra ela (esposa) limpar a casa ou fazer comida, mas quando ele fica muito enjoado, e eu não sei cuidar dele, porque ele quer peito ou quer dormir, já dou logo pra ela porque a mãe tem mais um jeitinho de cuidar, de pegar, mas eu ajudo. (H.7, T2 - 33 anos, ensino médio completo, casado, empregado, 2 filhos, moradia cedida por terceiros)

Contudo, homens perceberam o período pós-nascimento como uma fase de cuidado e atenção com o filho, e manifestaram uma atitude positiva, de preocupação e dedicação no que se refere ao seu cuidado cotidiano. Localizou-se, assim, certa transição do homem-pai tradicional, que tem como papel prioritário o provimento financeiro do núcleo familiar, para um homem mais participativo no cuidado do filho e nas tarefas da casa. Movimento esse que se atrelou fortemente à necessidade afetiva de interagir com o filho.

Estudo com homens no pós-parto, realizado em Natal-RN, aponta a importância que eles dão à sua participação no cuidado da mulher, do lar e dos filhos e o quanto se sentem felizes em participar deste momento⁽²⁾. Desse modo, é possível identificar que homens se distanciam, em alguma medida, do papel único de provedor financeiro, tornando-se copartícipes do cuidado na vida cotidiana familiar⁽³⁾, o que resulta na manifestação de necessidades relacionadas a essa esfera, em especial, em torno do cuidado e da troca de afeto com a criança.

Novas configurações no exercício da paternidade são frutos de um conjunto de transformações históricas sociais e culturais, com repercussões no âmbito da família, do trabalho, das relações público-privado, de gênero e dos papéis masculinos na sociedade⁽⁶⁾. Particularmente, com a transformação em curso do modelo

patriarcal, o papel exclusivo de provedor de necessidades financeiras da família passa a ser questionado, pelas mulheres e pelos homens^(3,6), valorizando-se necessidades de outras ordens: como as afetivas e as de relações mais igualitárias de poder.

Prover o bem estar da companheira e a educação, o conforto e a saúde dos filhos também caracterizam o papel de cuidador de homens na paternidade. Assim é que manifestaram sentimentos de busca de contato físico, de intimidade com o filho, de proximidade afetiva, de disponibilidade de tempo para este, embora não priorizassem essa experiência em relação ao trabalho na esfera pública.

O “novo pai” visita o tradicional, mas dele também se afasta, concebendo a paternidade de modo mais abrangente, mostrando-se mais envolvido na dimensão afetuosa e solidária, preocupando-se não só com questões financeiras, mas também com a construção de vínculo afetivo com a criança e família^(2,3), necessidades essas que se somam.

A participação afetiva do homem na gravidez, no nascimento e pós-nascimento e outros eventos que envolvem a relação pai, mãe e filhos promove situações de bem estar para todos os envolvidos⁽³⁾, além de possibilitar relações mais igualitárias e de proporcionar saúde e qualidade de vida para a família e seus membros.

Desse modo, a participação ativa do homem nas várias tarefas da família e no cuidado afetivo do filho, em sintonia com a necessidade de promoção da equidade nas relações de gênero, configura-se como um importante potencial a ser considerado.

Quanto mais precoces forem os laços afetivos entre pai e filho, possivelmente mais saudável será a paternidade⁽²⁾. Ser um pai participativo requer oportunidades nas relações familiares que propiciem tal envolvimento. O envolvimento afetivo precoce e a aceitação da paternidade beneficiam a construção do vínculo entre pai-mãe-filho e o compartilhamento da experiência de forma conjunta, constituindo-se todos estes aspectos em necessidades a serem satisfeitas.

Contudo, a construção desse vínculo encontra dificuldades, expressas tanto em leis que não consideram a importância dessa relação como em jornadas de trabalhos extensas e cansativas e em limitações institucionais, como particularmente as da área da saúde, que não propiciam ou dificultam a participação mais próxima de homens na vida dos filhos⁽⁶⁾.

Para finalizar, é importante que se destaque que os homens apontaram outros aspectos que também constituem necessidades a serem satisfeitas, entre elas a *necessidade de convívio social e de lazer, necessidades relacionais afetivo-conjugais e necessidades orgânicas*. Todas elas com possíveis implicações na saúde, especialmente se mantidas por longo tempo.

Alguns deles fizeram referência à dificuldade de manter atividades sociais de lazer habituais, em especial frente às novas tarefas. Necessidades dessa ordem foram colocadas em segundo plano e temporariamente deixadas de lado, em prol do exercício paterno.

Necessidades afetivo-conjugais, ainda que expressas, também foram minimizadas. No período, o distanciamento entre o casal foi justificado pelo fato de o homem ocupar-se de novas tarefas e/ou a mulher das atividades da maternidade, sendo prioridade do momento atender as demandas do filho.

Por fim, as necessidades orgânicas referidas foram relacionadas à presença de desgaste físico, decorrente principalmente do sono interrompido, que gera cansaço e *stress*, acarretando redução do rendimento laboral, indisposição para cuidar do filho e para participar de tarefas domésticas. Embora reconheçam a importância da necessidade de descanso sem interrupção, esta é naturalizada e se torna secundária frente ao cuidado da criança, dados sua fragilidade e dependência, o que homens entendem ser o bom exercício da paternidade e condições sociais disponíveis de apoio a essa ação.

Quer dizer, o exercício da paternidade vem acompanhado da necessidade primeira de *suprir as necessidades do filho* (de segurança e cuidado), o que fazem dedicando-se ao trabalho remunerado e participando, em alguma medida, de seu cuidado diário. Necessidades relegadas, como as afetivo-conjugais, de lazer e descanso, também reforçam a compreensão de que homens precisam melhor se reconhecer no exercício social da paternidade. Ainda mais considerando que também se encontrou seu distanciamento de ações institucionais de cuidado à saúde do filho e da mulher, como a participação nas ações do serviço local de saúde, sugestivo da *necessidade deste de desenvolver uma participação mais ativa nas questões de saúde*, referentes a si mesmo e aos demais membros da família.

Favorecendo essa prática encontra-se particularmente a postura técnica dos profissionais de saúde que elege certos carecimentos em saúde e reforça a sua medicalização, reproduzindo um padrão tradicional de masculinidade que desconsidera direitos humanos e sociais dos homens^(6,26) e a relação destes com a sua saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os homens participantes do estudo vivenciaram o exercício social da paternidade, no pós-nascimento, como culturalmente estabelecido, ou seja, principalmente como provedores

de segurança financeira ao filho e à família, aspecto que se revelou como uma necessidade prioritária para eles. Ocupar-se do suprimento familiar os distanciou do cuidado cotidiano dos filhos e da interação com eles. Mas esta experiência também foi desejada por eles e a buscaram efetivar, em alguma medida, revelando outra necessidade valorizada: a de acompanhar, cuidar e educar o filho, acessando o retorno afetivo que a experiência traz.

Outras ordens de necessidade que expressaram, sem priorizá-las ou percebê-las claramente, foram as relacionais-conjugais, orgânicas e de lazer. As necessidades valorizadas encontravam-se direta ou indiretamente relacionadas ao que eles entendiam propiciar o bem estar do filho. Assim, homens não se revelaram como sujeitos com necessidades próprias de saúde no pós-nascimento, desvalorizando o cuidado à própria saúde.

O estudo evidencia, então, a necessidade de homens se verem em sua experiência no período pós-nascimento, a partir de novos moldes, em especial referências de masculinidade que incorporem o cuidado consigo e capacidades cuidadoras compartilhadas. Homens precisam se reconhecer e ser reconhecidos como sujeitos que necessitam de cuidados específicos à sua saúde. Estes devem possibilitar a compreensão das relações entre as suas vivências, práticas e percepções em torno da reprodução e da paternidade e aspectos culturais de gênero, de modo que possam participar da construção de equidade nesses processos, tendo em vista repercussões positivas na sua vida e saúde e na de toda a família. Obviamente, isso exige mudanças sociais mais abrangentes das relações de poder cotidianas que naturalizam e desqualificam a paternidade, assim como o potencial que homens têm para incorporar novas formas de participar da vida dos filhos. Nesse sentido, políticas públicas, legislação e práticas cotidianas das diversas áreas sociais, entre as quais a área da saúde, têm o desafio e a responsabilidade de agregar novas possibilidades.

REFERÊNCIAS

1. Brito RS, Oliveira EMF, Carvalho FLA. Percepção do homem sobre o pós-parto da mulher/companheira. Rev Eletrônica Enferm [Internet]. 2008 [acesso em 20 de fevereiro de 2012];10(4):1072-9. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n4/v10n4a20.htm>
2. Oliveira EMF, Brito RS. Ações de cuidado desempenhadas pelo pai no puerpério. Esc Anna Nery Rev Enferm [Internet]. 2009 [acesso em 20 de fevereiro de 2012];13(3):595-601. Disponível em: <http://www.readcube.com/articles/10.1590/S1414-81452009000300020>
3. Freitas WMF, Coelho EAC, Silva ATMC. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. Cad Saúde Pública [Internet]. 2007 [acesso em 20 de fevereiro de 2012];23(1):137-45. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n1/14.pdf>
4. Krob AD, Piccinini CA, Silva RS. A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. Psicol USP [Internet]. 2009 [acesso em 20 de fevereiro de 2012];20(2):269-91.
5. Jager ME, Bottoli C. Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. Psicol Teor Prát. 2011;13(1):141-53.
6. Schraiber LB, Gomes R, Couto MT. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. Ciênc Saúde Coletiva. 2005;10(1):7-17.
7. Chapadeiro CA, Andrade HYSO, Araújo MRN. A família como foco da atenção primária à saúde [Internet]. Belo Horizonte (MG): Faculdade de Medicina de Minas Gerais; 2011 [acesso em 20 de fevereiro de 2012]. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/familia.pdf>
8. Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Políticas de Saúde. Política nacional de atenção integral à saúde do homem: princípios e diretrizes [Internet]. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2008 [acesso em 20 de fevereiro de 2012]. Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/>

- Port2008/PT-09-CONS.pdf
9. Martins AC. Paternidade: repercussões e desafios para a área de saúde. *Rev Pós Ciênc Sociais* [Internet]. 2009 [acesso em 20 de fevereiro de 2012];6(11):1-28. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/791>
 10. Teixeira RC, Mandú ENT. Necessidades e cuidados no pós-parto na visão de trabalhadores da saúde da família. *Ciênc Cuid Saúde* [Internet]. 2012 [acesso em 20 de fevereiro de 2012];11(2):275-83. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/16562>
 11. Mandú ENT, Almeida MCP. Necessidades em saúde: questões importantes para o trabalho da enfermagem. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 1999 [acesso em 20 de fevereiro de 2012];52(1):54-66. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IxisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=9651&indexSearch=ID>
 12. Mendes-Gonçalves RB. Práticas de saúde: processo de trabalho e necessidades. São Paulo (SP): CEFOR; 1992. Série texto 1.
 13. Schraiber LB, Figueiredo WS, Gomes R, Couto MT, Piñheiro TF, Machin R, et al. Necessidades de saúde e masculinidades: atenção primária no cuidado aos homens. *Cad Saúde Pública*. 2010;26(5):961-70.
 14. Scott J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. 2. ed. Recife (PE): SOS Corpo; 1995. Tradução do Christino Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila.
 15. Louro GL. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis (RJ): Vozes; 1997.
 16. Villela W. Gênero, saúde dos homens e masculinidades. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2005;10(1):18-34.
 17. Teixeira RC. Necessidades de saúde no pós-parto: percepções de mulheres, homens e trabalhadores da Saúde da Família [dissertação]. Cuiabá (MT): Universidade Federal de Mato Grosso; 2012.
 18. Oliveira DC, Mandú ENT, Corrêa ACP, Tomiyoshi JT, Teixeira RC. Estrutura organizacional da atenção pós-parto na Estratégia Saúde da Família. *Esc Anna Nery Rev Enferm* [Internet]. 2013 [acesso em 20 de fevereiro de 2012];17(3):211-9. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a03fv10n1.pdf>
 19. Minayo MCS. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2012;17(3):621-6.
 20. Corrêa ACP, Ferriani MGC. Paternidade na adolescência: um desafio a ser enfrentado pelos serviços de saúde. *Ciênc Cuid Saúde*. 2007;6(2):157-63.
 21. Bezerra MS, Rodrigues DP. Representações sociais de homens sobre o planejamento familiar. *Rev RENE*. 2010;11(4):127-34.
 22. Jager ME, Bottoli C. Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicol Teor Prát*. 2011;13(1):141-53.
 23. Moraes PA, Bertolozzi MR, Hino P. Percepções sobre necessidades de saúde na Atenção Básica segundo usuários de um serviço de saúde. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2011 [acesso em 20 de fevereiro de 2012];45(1):19-25. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342011000100003&script=sci_arttext
 24. Luz AMH, Berni NIO. Processo da paternidade na adolescência. *Rev Bras Enferm*. 2010;63(1):43-50.
 25. Freitas WMF, Silva ATMC, Coelho EAC, Guedes RN, Lucena KDT, Costa APT. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Rev Saúde Pública*. 2009;43(1):85-90.
 26. Schraiber LB. Necessidades de saúde, políticas públicas e gênero: a perspectiva das práticas profissionais. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2012;17(10):2635-44.